

## *O Código Da Vinci* por Moisés Neto

(trecho da palestra proferida pelo Mestre Moisés Neto no dia 13 de maio de 2005 no auditório do Centro de Artes e Comunicações da UFPE, durante o II Seminário de Literatura em Curso)

O norte-americano Dan Brown é o autor do best-seller yankee “O Código Da Vinci” (Ed. Sextante. RJ, 2004), um romance policial com pretensões ao místico e ao *almanaque de artes*. A trama mirabolante começa em Paris já no século XXI, quando o professor Robert Langdon, cansado após uma palestra sobre arte, resolve repousar no luxuoso hotel Ritz. É acordado pela polícia e levado ao Museu do Louvre onde acabara de ser assassinado o curador Jacques Saunière. Ele tinha um encontro marcado com a vítima e é solicitado a “desvendar” alguns sinais que o *falecido* deixara. Entra em cena Sophie, neta do tal curador. Ela também entende de “códigos” e trabalha para a polícia. Esta moça começará, ao lado de Langdon, uma jornada consecutiva de mais de 48 horas que irá de Paris até as entranhas da Escócia em busca do “Santo Graal”, que eles acreditam ser o ventre de Madalena.

Inicialmente Dan faz o leitor ficar perplexo diante de um jogo com dezenas de informações, digamos assim, estapafúrdias: Você sabia?

- a) Em trezentos anos a inquisição queimou cinco milhões de mulheres?(p.122)
- b) O Louvre (65.300 obras de arte) é o edifício mais comprido da Europa? (p. 25)
- c) A Mona Lisa foi pintada na madeira (77x 53 cm) (p. 116).
- d) De onde vem mito da sexta-feira 13? (p. 154 – perseguição aos templários).
- e) A pirâmide do Louvre tem **666** (!) pedaços por ordem expressa do então presidente Mitterrand?
- f) Que o Noé (da Bíblia) era albino? (155-156)
- g) Como funciona um *banco de custódia* suíço? (168-174)
- h) Quem foram os guerreiros Massais? (175)
- i) Qual era o projeto-mor de Da Vinci? (190)
- j) Que a Rosa e o Graal são sinônimos? (193)
- k) Que o nome “Gárgula” vem de “gargarejar”? (215)
- l) Que a Bíblia é uma *colagem* feita pelo “pagão” imperador romano Constantino que no século IV dC usou o que queria a seu favor e eliminou dezenas de outros *evangelhos*, inclusive o de Madalena, e que até então Jesus era um mero profeta mortal? (220)
- m) Qual a origem da palavra “herege”? (223)
- n) Que símbolos representam melhor o masculino e o feminino? (226)
- o) que havia uma mulher na “Última Ceia” de Da Vinci? (230), (ele só não explica qual o apóstolo cedeu o lugar a ela).
- p) Que Madalena era esposa de Jesus e não uma reles prostituta, como está na bíblia, e que ela, tanto quanto Jesus, vinha de linhagem nobre (231), que é por isso que há “M” oculto no tal quadro (232) e que Jesus Cristo, aos 30 anos, não podia ser solteiro (232), isto estaria escrito no evangelho de Madalena (234-236), que conteria informações sobre uma filha de Jesus Cristo chamada Sarah (Sangreal = Sangue real) cujos descendentes existiriam até hoje e teriam fundado Paris (240-245), aliás, Rose seria *propositalmente* anagrama de Eros (240), e a filha de Jesus Cristo era sobrinha de José Arimatéia (241). Haveria, segundo este livro, nos dias de hoje, duas famílias que descendem de Jesus (245). Para apimentar seu livro, Dan não mede esforços.
- q) Que *Branca de Neve*, da Disney, seria uma representação de Eva (247).
- r) Acabou-se a era de *Peixes* (durou 2 mil anos) e começou a de *Aquário* (253).
- s) Lendo Brown aprendemos que: os alfabetos semíticos modernos não têm vogais e usam pontos e traços debaixo ou dentro das consoantes, para indicarem que vogal as acompanha (!), (282)
- t) Que ATBASH é um sistema hebraico de criptografia (286).
- u) Qual a origem da figura chifruda para o diabo (297), que Zeus foi amamentado por um bode(!) (298)

- v) Que Shakespeare e Disney eram maçons (363)
- w) Que a ópera *Parsifal*, de Wagner, seria uma homenagem a Madalena e aos descendentes de Jesus (363)
- x) Qual a relação entre os naipes do baralho e o Graal (364), que a tumba de Isaac Newton está na abadia de Westminster e que foram lá os funerais de Elizabeth I, Henrique V e Lady Di (368), e que lá perto está a macieira mais antiga da Inglaterra (375)
- y) Que o selo de Salomão / estrela de Davi, era antes símbolo de astrônomos (secretos) e que representa o masculino  $\Delta$ , e o feminino  $\nabla$ . (405)
- z) Que o café brasileiro é, sim, degustado no interior da Escócia (412).

Marcos, Mateus, Lucas e João foram selecionados entre 80 para satisfazer interesses do Imperador Constantino que:

“apostou no cavalo que estava vencendo (...) gerou uma espécie de religião híbrida (...) sincretismo (...) Ísis dando o seio a seu filho Hórus (...) imagem da Virgem Maria com o menino Jesus no colo (...) o Deus pré-Cristão Mitra- chamado “Filho de Deus, nasceu em 25 de dezembro, foi enterrado em um sepulcro da pedra e ressuscitou em três dias (...) o recém-nascido Krishna recebeu ouro, incenso e mirra (...) o sabá judeu era no sábado (...) Constantino mudou isso para Sunday (domingo, dia do sol) até hoje a maioria dos fiéis vai à igreja na manhã de domingo” (220-221). “Tudo que nos ensinaram sobre Jesus é mentira” (223).

Os personagens são completamente superficiais e ficam entre o estilo Sidney Sheldon/ Danielle Steel e os antigos seriados norte-americanos, estão sempre com piadinhas infames do tipo nossa “história é endossada pelo livro mais vendido de todos os tempos” “Harry Potter?”, não, “a Bíblia”. (p. 158), ou um personagem deficiente físico, Sir Leigh Teabing, dizer “não tenho tempo para dançar” (229), ou este mesmo parecer tão “sir” quanto Sir Elton John (216), ou que a divindade de Jesus foi decidida em uma “votação apertada” (222) uma “disputa de poder”.

Pululam trocadilhos como “a história de Cristo é imprecisa e que a maior história já contada é, de fato, a maior história já cortada” (252). Ainda temos frases de enfeite como a sobriedade na Igreja da Inglaterra: “Os anglicanos bebem sua religião sem gelo. Nada para distraí-los de seu sofrimento” (325).

A visão da Brown está sedimentada sobre uma estrutura enganosa e *americanocêntrica*: as Tuileries, por exemplo, seriam a versão parisiense do Central Park (24), o Champ-Élysees, 3 km de lojas de luxo, a “5ª Avenida de Paris” (133).

Ficção e realidade são propositalmente mescladas num clima *nonsense*.

O autor insinua que a igreja Católica quer abafar a qualquer custo a tese, que é o eixo deste romance: a descendência de Jesus e Madalena (segredo guardado **o Priorado de Sião**, do qual o Da Vinci, Newton e a primeira vítima desta ficção, Saunière, o curador assassinado, foram chefes). Diz que **o tal segredo** do Graal estaria embaixo da pirâmide do Louvre, que foi construída, é claro!, por um americano (I.M.Peii) “nascido na China”(!)(P.26).

O **brega** e o **kitsch** sufocam de tal modo esta narrativa que é praticamente impossível virar uma página sem se deparar com expressões como “o clima onírico daquela noite esta voltando a se impor ao seu redor” (27), “Mitterrand sofria de um complexo de faraó”(26), o capitão Bezu Fache tinha a postura de um boi furioso (...) seus cabelos na testa pareciam uma seta (...) que o precedia como a proa de um couraçado (...) olhos escuros pareciam calcinar a terra diante de si, irradiando uma claridade abrasadora” (28); “o brilho avermelhado da iluminação de serviço projetava-se em direção ao alto, lançando um brilho sobrenatural de braseiro sobre Da Vincis, Ticianos e Caravaggios pendentes de cabos vindos do teto (...) o piso um padrão geométrico deslumbrante dava aos visitantes a sensação de estarem

flutuando”(39); um refletor sobre um suporte portátil iluminava o chão, gerando uma ilha impiedosa de luz branca (...) no meio da mancha luminosa, como um inseto sob o microscópio, o cadáver jazia nu sobre o piso”(41).

Brown passa páginas falando do culto a uma tal “grande Deusa” sem explicar que importância teria *isto*, açucara seu romance para agradar pessoas com pressa de “entender” religião e cultura. Até o símbolo das olimpíadas é comparado ao “Ciclos de Vênus” (43) e o pentagrama, é claro (!) seria o “lado feminino” de todas as coisas (43), talvez, por usar tanto isso como um *código*, Da Vinci fosse... “homossexual assumido” (p.52).

O livro parece, em certos momentos, um guia turístico (e as agências de viagens que o digam) para preencher cérebros dos yankees e dos seus admiradores. Tudo isso com esclarecimentos apressados como, por exemplo: O Homem Vitruviano (Vitruvius – arquiteto romano que louvava a proporção), o mais famoso croqui de da Vinci, que ilustra uma das páginas iniciais deste livro. Nele o italiano quisera, com o círculo em torno do homem, “passar – a harmonia entre o feminino e masculino” (51). Dan conecta isto à idéia de que “a Igreja haver eliminado o sagrado feminino da religião moderna” e incitado “a demonização da *deusa*” (52).

Não se explica, nem ele demonstra, como o herói (que estava morrendo de cansaço no início da narrativa) e sua *partner* (Sophie, ela é parente de Jesus!) conseguem ficar acordados e resistindo às mudanças de clima entre Paris/Londres/Escócia durante dois dias.

Decifrar o *código* é o artifício para prender o leitor numa trama mal costurada e cheia de “buracos”.

O personagem Silas, o albino, é candidato ao mais imbecil dos últimos tempos (p. 60/63), mesmo assim Brown reveste-o com caracteres bíblicos (versículo 16 dos atos dos apóstolos): “De repente houve um terremoto tão violento que sacudiu os alicerces da prisão. Todas as portas se abriram e as correntes se soltaram” (p. 64).

Não faço idéia aonde Dan Brown queria chegar, mas queria que ele tivesse chegado mais rápido. O livro é longo e causa enjoão. Frases como: “A primavera em Paris não é igual a de suas canções” vão minando a paciência do leitor. Outras são até engraçadas “Isso aqui não é seriado de TV americano, Sr. Langdon. Na França, as leis protegem a polícia, não os criminosos” (73). Brown em certos momentos encena um clima francês, puro (e rápido) clichê.

E haja excesso: mescla Ísis com Madalena e Vênus, Baudelaire com Sade e Victor Hugo. Falar em *nonsense* aqui, aliás, é redundante, em anagrama é piada: Mona Lisa – Amon e Ísis, afinal “a vida é cheia de segredos, não se pode aprender todos de uma só vez” (101). Chavão, então, vem um atrás do outro: “Uma condição”, “qual?”, “pare de me chamar de senhor” (103). Ou concessões ao mau gosto: “Agora o avô estava morto e falava com ela do túmulo” (107).

É na base do “se colar, colou”: “a flor-de-lis... a flor de lisa... A Mona Lisa. Estava tudo entrelaçado, uma sinfonia silenciosa ecoando os mais profundos segredos do priorado de São e de Leonardo Da Vinci” (113).

Nosso herói diz que não há mistérios na Mona Lisa: “Pintando um fundo mais baixo à esquerda, Da Vinci fez a Mona Lisa parecer muito maior vista da esquerda do que da direita (...) o esquerdo é feminino (...) pontos de congruência surpreendentes entre os rostos dele e dela (...) Mona Lisa não é homem nem mulher. Traz mensagem sutil de androginia. (118). E detona com sua fusão-mor: Amon (cabeça de carneiro) e Ísis, deuses da fertilidade: “esse é o segredinho de Da Vinci, o motivo do sorriso zombeteiro da Mona Lisa“ (119).

Em vários pontos o romance é prato cheio para um filme de ação hollywoodiano. O capítulo 30 é exemplo disso. Os dois protagonistas e um agente de polícia agitam-se até o clímax.

A análise dos quadros “A Madona das Rochas” e outros beira o manual de estudo das artes para o ensino médio (p. 129).

O herói, Robert Langdon, usa relógio de pulso do Mickey Mouse, lembrete para “permanecer jovem por dentro” (141) e parece com Harrison Ford (p 17).

O ambiente para a “revelação” “central” do romance de Brown não podia ser mais adequado: o *Bois de Boulogne* enquanto homens e mulheres se oferecem em busca de clientes (inclusive travestis, tudo a ver):

“um homem negro, coberto de óleo, com uma tanguinha sumária, virou-se e contraiu os glúteos. Ao seu lado um loura fenomenal ergueu a minissaia e revelou que não era mulher coisa nenhuma. “Santo Deus” (discurso indireto-livre) Langdon desviou o olhar de volta para o interior do carro e inspirou profundamente.

– Fale-me sobre o Priorado de Sião – pediu Sophie Neveu. Langdon concordou” (151-152).  
Aí ele explica que o segredo do Graal foi encontrado sob as ruínas do templo de Herodes que fora construído sobre as minas do templo de Salomão, os templários (1099) “descobriram” tudo e guardaram o segredo. Ali “residia o próprio Deus. Literalmente, o verdadeiro centro da fé judaica” (153).

Estonteante, não é? “A última aparição [do tal] Graal havia sido em 1447 (...) Leonardo sabia o local do esconderijo (...) [o quadro dele] *A última ceia* correspondia a alguma espécie do **Código** (...) entusiastas debatiam o fato em salas de bate-papo da web” (162). Aqui Brown parte para o *jogo de gato e rato* que marca seu livro, o herói e a descendente de Jesus Cristo roubam, entram em castelos, fogem de carro e avião. Invadem monumentos, são ameaçados de morte, etc. tudo isso para decifrar o [recorrente] *Código* que os levaria ao Graal (na verdade os restos mortais de Maria Madalena).

Para relaxar o leitor aqui e acolá, vêm as “deixas” cômicas: “todos na sua empresa usam Rolex?”, “merde”, “comprei por 20 euros em um camelô tailandês (...) se quiser lhe vendo por 40” diz o gerente do banco suíço (ajudando nossos heróis a fugir), André Verhet, ao policial (que queria prendê-los) (186). Nada é o que parece. Pistas falsas, enredo *fake*. Há erros na revisão do texto em português. Ex. “pistóla” (201).

O tal segredo vem em um *Criptex* (cilindro com código para abertura) e dentro de uma caixinha cor-de-rosa (claro). Brown abusa de hipérboles, metáforas, prosopopéias, “o busto de Ísis vigiava a sala” (215) e outras figuras de linguagem. Não perde a oportunidade com frases de efeito: “Muitos fizeram comércio de ilusões e falaram de milagres, enganando os ignorantes (teria dito Leonardo da Vinci). A Bíblia não chegou por fax do céu (...) é produto do homem. Não de Deus. Não caiu magicamente das nuvens. O homem a criou como um relato histórico de uma época conturbada (...) Jesus foi uma figura histórica de uma influência incrível” (219-220). A esta altura Dan Brown já ganhou publicidade gratuita pela “blasfêmia”.

Sensacionalismo puro.

E o Vaticano parece que está preocupado com livros deste tipo. Desde 1966 já não mantém mais o seu *Index Librorum Prohibitorum*, porém cita o “Código Da Vinci” como nocivo à fé. O cardeal Tarcisio Bertone, um dos nomes que estavam na lista de sucessores para João Paulo II, foi enfático quando, em nome da Santa Igreja, disse em um debate sobre o livro: “Fico surpreso e preocupado com o fato de tantas pessoas acreditarem nas mentiras do livro” (revista *Veja*, 23/03/05).

Vale lembrar que *O Código Da Vinci* é uma obra de ficção. Usa a receita típica do *best-seller*: o mundo comum, o chamado à aventura, a recusa ao chamado, o encontro com o mentor, a travessia do limiar, os testes, aliados e inimigos, aproximação do objetivo, provação suprema e recompensa.

Resta a pergunta: até quando a mídia alimentará polêmicas inúteis como esta?